

A CRIAÇÃO DO MUNDO EM BERESHIT (GÊNESIS) À LUZ DA SEMIÓTICA

THE CREATION OF THE WORLD IN BERESHIT (GENESIS) IN THE LIGHT OF SEMIOTICS

Thaíssa Soares-Silva¹

Resumo: O presente artigo possui como objetivo propor uma análise das isotopias da “Criação do Mundo” por meio da narrativa de Gênesis 1 e 2, no hebraico “בראשית” “Bereshit”, e de “Poder e Fidelidade” atribuídas ao Criador nos Salmos 19, 25, 89 e 93. Essas isotopias presentes são possíveis de serem compreendidas do texto por meio dos elementos figurativos que compõem tanto a narrativa da criação, como as poesias presentes em Salmos. Também tomou-se como corpus a canção “Canto de Glória”, “Shir Hakavod”, concebendo também os elementos figurativos que apresentam as figuras do Criador, de modo a traçar relações de sentido com as Isotopias dos textos anteriores. Todos esses textos escolhidos para a análise também formam um todo de sentido, construído pela língua hebraica e inerente a ela. Diante disso, têm-se como objetivos específicos: analisar a palavra dotada de poder por meio da concepção de Biderman (1998); compreender as isotopias, por meio da concepção desenvolvida por Bertrand (2003) presentes no texto, partindo do conjunto de figuras existentes no corpus de análise; realizar essa análise tendo como ponto de partida dois idiomas, a língua portuguesa e a língua hebraica, compreendendo os conteúdos discursivos nesses dois universos de significações; relacionar a narrativa da criação, dentro do discurso religioso judaico, investigando as suas relações de sentido por meio da semelhança e da diferença.

¹ Graduada em Letras - Português e Espanhol pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestranda em Estudos de Linguagens pela UFMS. Atualmente é professora na Rede Estadual e Municipal de Ensino no Mato Grosso do Sul, Campo Grande. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0673-7456>. Email: thaissa.soares@ufms.br

Papéis

Palavras-chave: dimensão mágica da palavra; semiótica; relações de sentido; literatura hebraica; criação em Gênesis.

Abstract: The aim of this article is to propose an analysis of the isotopias of the "Creation of the World" through the narrative of Genesis 1 and 2, in the Hebrew "בראשית" "Bereshit", and of the "Power and Faithfulness" attributed to the Creator in Psalms 19, 25, 89 and 93. These isotopias present in the text can be understood through the figurative elements that make up both the creation narrative and the poetry present in the Psalms. The song "Song of Glory", "Shir Hakavod", was also taken as a corpus, also conceiving the figurative elements that present the figures of the Creator, in order to trace relationships of meaning with the Isotopias of the previous texts. All these texts chosen for analysis also form a whole of meaning, constructed by and inherent in the Hebrew language. In view of this, the specific objectives are: to analyze the word endowed with power through Biderman's (1998) conception; verständnis der im Text vorhandenen Isotopien anhand des von Bertrand (2003) entwickelten Konzepts, ausgehend von der Figurengruppe im Analysekörper; durchführung dieser Analyse anhand von zwei Sprachen als Ausgangspunkt, Portugiesisch und Hebräisch, Verständnis des diskursiven Inhalts in diesen beiden Bedeutungswelten; bezugnahme auf die Schöpfungserzählung innerhalb des jüdischen religiösen Diskurses, Untersuchung ihrer Bedeutungsbeziehungen durch Ähnlichkeit und Unterschied.

Keywords: magical dimension of the word; semiotics; relations of meaning; Hebrew literature; creation in Genesis.

Considerações iniciais

O conhecimento de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo (Biderman, 1987, p. 82).

A linguagem está presente em todos os processos de compreensão da realidade tida pelo ser humano. É por meio dessa capacidade que conhecemos o mundo e temos uma compreensão dele. Ou seja, esse universo é a realidade gerada por meio da significação, realidade na qual se constrói de um modo particular em cada língua.

Como afirma Bertrand (2003, p.159) “Ver não é apenas identificar objetos no mundo, é simultaneamente apreender relações entre tais objetos,

Papéis

para construir significações". Desse modo, refletimos como a linguagem em sua ação constrói a realidade, uma vez que a linguagem vai criar o mundo, também é através dela que a verdade é construída languageiramente. Quando se fala em universo, ele não se limita ao universo concreto, físico, ontológico, mas ao universo criativo, imagético, figurativo, semiótico². Esse universo, construído pela linguagem, como já relatado, é particular de cada língua, na qual se constrói por meio de um conjunto de léxicos característicos a ela: "[...] o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente" (Biderman, 1998, p. 91).

Levando em conta tais considerações, o presente artigo possui como objetivo propor uma análise das isotopias da "Criação do Mundo" por meio da narrativa de Gênesis 1 e 2, e de "Poder e Fidelidade" atribuídas ao Criador nos Salmos 19, 25, 89 e 93. Essas isotopias presentes são possíveis de serem compreendidas do texto por meio dos elementos figurativos que compõem tanto a narrativa da criação, como as poesias presentes em Salmos. Diante disso, comprehende-se que os textos abstraídos do livro de Salmos para esse recorte são de autoria atribuída ao Rei David, textos dos quais possuem uma meditação muito profunda não somente acerca da isotopia da "Perfeição do Criador", mas também meditações sobre a própria criação e sua ligação com as leis "Estatutos e testemunhos". Também tornou-se como corpus a canção "Canto de Glória", presente no Sidur³ (1997), concebendo também os elementos figurativos que apresentam as figuras do Criador, de modo a traçar relações de sentido com as Isotopias dos textos anteriores. Todos esses textos escolhidos para a análise também formam um todo de sentido, construído pela língua hebraica e inerente a ela.

² Apreendemos, para fins deste trabalho, a semiótica como uma esteira de significações do mundo natural, de acordo com a proposta apresentada por Bertrand (2003).

³ O Sidur, livro de canções e orações vernáculas de Israel e de todo o judaísmo. Faz parte do cânone religioso e é utilizado nos períodos de orações diárias, assim como também no shabat e outras datas religiosas "Yamim Tovim". A palavra "sidur" possui relação de sentido com a palavra "seder", no hebraico "סדר", que significa "ordem" ou "procedimento". O Sidur utilizado para fins da pesquisa foi o "Sidur completo", de Jairo Fridlin, da Editora e Livraria Sêfer, de 1997.

Papéis

Diante disso, têm-se como objetivos específicos: analisar a palavra dotada de poder por meio da concepção de palavra de Biderman (1998), como um ponto de partida para se compreender o sentido da narrativa; destacar palavras hebraicas específicas por meio da contextualização de elementos discursivos que manifestam as camadas figurativas presentes na narrativa; compreender as isotopias, por meio da concepção desenvolvida por Bertrand (2003) presentes no texto partindo do conjunto de figuras existentes no corpus de análise; Realizar essa análise tendo como ponto de partida dois idiomas, a língua portuguesa e a língua hebraica, tecendo os conteúdos discursivos presentes nesses dois universos de significações; relacionar a narrativa da criação com o livro de Salmos, por meio de recortes que possuem intertextualidade com a narrativa da criação, dentro do discurso religioso judaico, investigando as suas relações de sentido por meio da semelhança e da diferença.

Para a execução da análise, tomou-se como corpus de pesquisa, o livro de Gênesis presente na Torá⁴ (2001), capítulo 1⁵ e 2: 1 a 4, assim como também o livro de Salmos em língua hebraica e portuguesa, presente no livro “*Tehlim Keter David*” (2020). Já a transliteração⁶ utilizada para os textos de Salmos está presente em “*O livro dos salmos com transliteração linear*” (2017). Compreendendo mais a fundo a proposta de análise, podemos olhar para o léxico, tendo em vista que ele se consolida por meio da repetição na realidade lingüística, de modo a se cristalizar no interior cultural presente no sistema particular à língua em que participa. Dessa forma, podemos enxergar também que esse contexto, repetido muitas vezes, se consolida, formando uma esfera

⁴ Originário do hebraico, “תּוֹרָה” “Torah” significa “instrução”, “apontamento” ou “leis” e corresponde aos cinco primeiros livros da Bíblia judaica, o Tanakh no hebraico “תְּנַخְ”. Aos que praticam a fé judaica, esses livros, que originalmente eram rolos guardados dentro da arca sagrada, foram dados no Monte Sinai como guia de conduta e de ética. Até os dias de hoje, nas sinagogas, a Torah é vista em forma de rolo, preservada em um receptáculo especial. Nas escrituras cristãs, esses mesmos textos também estão presentes nos cinco primeiros livros bíblicos.

⁵ Para fins da pesquisa, optou-se por não apresentar todos os versículos do livro de Gênesis, mas optou-se por utilizar determinados fragmentos, mais pertinentes aos objetivos do trabalho.

⁶ Dado que as palavras hebraicas são escritas sob um sistema de escrita diferente, a transliteração das mesmas permitirá uma simplificação do processo de compreensão para os usuários do sistema alfabetico latino-americano. É importante salientar que as palavras que estão sendo transcritas não têm uma grafia específica, uma vez que se trata de uma decodificação de um sistema de caracteres de uma língua para outra, de uma outra língua.

Papéis

de sentido dentro da palavra, esse composto de sentido, denominado pela semiótica de estrutura sêmica seria, “portanto, para o plano do conteúdo aquilo que a análise fonológica é para o plano da expressão” (Bertrand, 2003, p. 166), ou seja, analisaremos a “unidade básica do significado, efeito de sentido produzido quando ocorre a manifestação em discurso (chamado de semema) a partir do arranjo das figuras semânticas elementares que entram em sua constituição (os semas).” Desse modo também, o texto transliterado, que será empregado neste trabalho, possibilitará uma compreensão mais aprofundada das palavras hebraicas, tanto em termos fonéticos quanto em termos de significado.

Abaixo das duas grafias, não menos importante, teremos o texto em língua portuguesa, presente nos livros citados acima, no ponto de vista que “todo texto literário é fundamentalmente intraduzível por causa da própria natureza” (Rónai, 1987, p. 13), dessa forma, podemos determinar também com outras palavras, que “o próprio pensamento é condicionado pelo idioma que é concebido” (Rónai, 1987, p. 14-15), reforçando as palavras de Jakobson acima de que, ao se falar uma determinada língua, estamos obrigatoriamente envolvidos em suas possibilidades de significação. Ao selecionar tal palavra, e não outra, somos grandemente responsáveis pelo percurso de sentido que geramos, e tal percurso não poderá simplesmente “atravessar” de uma língua à outra, mas cada tradução será incrivelmente única e que poderá manter em sua essência o sentido básico do texto traduzido.

A criação em Gênesis e as isotopias presentes na narrativa

“O mundo mítico é um mundo sagrado. Por isso também a cultura é sagrada” (Biderman, 1998, p. 85).

“Uma imagem no mundo se delineia, instalando tempo, espaço, objetos, valores” (Bertrand, 2003, p. 154).

Como já vimos anteriormente, a palavra constrói um todo de significado, o que se enriquecerá dentro de um contexto linguístico, do qual também está inserido dentro de uma determinada língua, dessa forma podemos enxergar cada língua em particular não somente como um “sistema de signo, mas uma

Papéis

reunião [...] de estruturas de significação” (Greimas, 1976, p. 30). Para a concepção judaica, esse conceito, ainda que dentro de um contexto religioso, não será diferente.⁷ Assim como o conceito de palavra é abordado na epígrafe acima, devemos nos atentar para a narrativa de Gênesis. Não obstante, segundo o texto bíblico, tudo foi criado pela palavra, vejamos o fragmento de Gênesis 1:1,2:

בראשית בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשְׁמִינִי וְאֶת הָאָרֶץ:
וְאֶרֶץ קְיֻמָה תֹהוּ וְבֹהוּ וְחֹשֶׁךְ עַל-פְנֵי תְהוָם וְרוּם אֱלֹהִים מְרֻחֻף עַל-פְנֵי הַמְּקוּמִים:

Bereshit bará **Elohim** et hashamayim veet haarets. Haarets haitah tohu vavohu vechoshech⁸ al peney tehom veRuach **Elokim** merachefet al-peney hamayim.

No princípio criou **Deus** os céus e a terra. E a terra era vã e vazia, e (havia) escuridão sobre a face do abismo, e o **espírito de Deus** se movia sobre a face das águas (Torá, 2001, p. 1).

Primeiro de tudo, podemos refletir acerca do nome do livro bíblico citado acima diante das duas línguas. Enquanto na língua portuguesa temos o nome “Gênesis”, que se relaciona com o conteúdo do livro citado, temos em hebraico “בראשית”, “Bereshit”, que é a preposição em “ב/be” mais primeira palavra do livro, que traduzida seria “Em um princípio”. Esse composto de significado, que resulta no nome do livro, declara que o universo foi criado por meio de um mundo espiritual “Bereshit (por causa de Reshit) [...], pela palavra Divina, pela Torá, chamada Reshit, princípio de tudo (Pessachim 68).” (Torá, 2001, p. 1). Temos aqui a primeira camada figurativa, o princípio da criação, em que D’us⁹, “אלוהים”, “Elokim” cria o mundo. Assim, podemos perceber com mais cautela as palavras em negrito acima, como maior foco da análise.

⁷ Compreendemos aqui que, para o texto bíblico, não somente o universo de significado é construído pela palavra, mas o próprio mundo existente. É evidente que a ciência não pôde comprovar essa posição, e nem se trata do objetivo do trabalho, mas investigar como a narrativa se constrói e o percurso que ela faz para construir as significações nos é foco de pesquisa.

⁸ Em nossa transliteração atual, utilizada para essa pesquisa, adotamos a grafia “ch” para simbolizar o som gutural da letra “ח”.

⁹ Em homenagem à fé judaica, optou-se, ao longo da pesquisa, fora dos fragmentos dos textos bíblicos, utilizar a grafia D’us.

Papéis

Diante disso, há um fator interessante dentro do texto hebraico. A palavra para designar D'us foi empregada no plural “דֵי”, “yim”, o singular seria “אֵל”, “El”. No entanto, o verbo que rege a frase e inclusive, se apresenta antes da palavra “D'us”, está no singular “בָּרָא”, “Bará” e na construção do passado. Se olharmos para esse mesmo verbo no infinitivo, iremos apresentá-lo como “liv'ró” no hebraico “לִבְרֹא”, e se esse mesmo verbo estivesse na terceira pessoa do plural no passado, estaria escrito como “baru”, no hebraico “בָּרָאו”. De acordo com o pensamento judaico, o verbo demonstra a unicidade de D'us e a sua referência no plural refere-se a um “plural majestático concebido pelo homem devido às múltiplas e ilimitadas manifestações de Elohim” (Torá, 2001, p. 1).

No versículo dois, podemos perceber que na língua portuguesa, aparece “e a terra era vã e vazia”. Na língua hebraica, a palavra utilizada é “תֹהוּ” “Tôhu”, que possui em si as figuras de “assombro e consternação” (Torá, 2001, p. 1), ou seja, do vazio em que se encontrava a terra. Já no fragmento “e o Espírito (o Ruach) de D'us se movia”, de acordo com o Exegeta Rashi significa que “o trono Divino movia-se por ordem de D'us e por meio de alento (Rúach) exalado por Sua boca” (Torá, 2001, p. 1). Novamente temos aqui as figuras criadas por meio da boca, da palavra em que daria “alento da vida à matéria inanimada”. Com efeito, as figuras reveladas nesse fragmento são responsáveis pela metáfora da trama, em que tudo foi criado pelo sopro de “Sua boca”, ou seja, por meio de D'us.

Para seguirmos em nossa compreensão, necessitamos entender o conceito de Isotopia apresentado por Bertrand (2003). Ele afirma que a isotopia se instaura como “a permanência de um efeito de sentido ao longo da cadeia do discurso”. Desse modo, podemos compreender a dimensão figurativa da significação, apresentada por meio de um acesso mais rápido ao sentido “tecida no texto por isotopias semânticas, e recobre com toda a sua variedade cintilante de imagens de outras dimensões, mais abstratas e profundas.” (Bertrand, 2003, p. 29). Diante disso, compreendemos melhor a isotopia presente na narrativa de D'us/criador/de múltiplas e ilimitadas manifestações, e podemos perceber, em um paralelo com os outros textos escolhidos para a

Papéis

nossa pesquisa, a mesma isotopia presente. Vejamos um fragmento do salmo 93 e comparemos com um fragmento da canção “Canto de glória¹⁰”, respectivamente:

O Senhor terá reinado, Ele será revestido de grandeza [...] até firmado o mundo de modo que ele não oscilasse. Teu trono foi estabelecido desde outrora, eterno és Tu [...] Teus **testemunhos** são muito confiáveis, sobre Tua Casa, a Sagrada Morada - ó Senhor, que seja por dias prolongados” (Wasserman; Szwertszarf, 2020, p. 140).

[...] Relatarei Tua glória, apesar de não ter-Te- visto; alegorizar-Te-ei figurativamente, apesar de não conhecer-Te. [...] Tua magnitude e Teu poder, eles descreveram (**os profetas**) pela grandeza de Tuas obras. Alegorizaram-Te, mas não como realmente és; conceberam-Te figurativamente pelos Teus feitos. Simbolizaram-Te através de inúmeras visões; assim mesmo, Tu és Um em todas as figurações. [...] Seu ornamento (Tefilin)¹¹ está sobre mim, e meu ornamento está sobre Ele; Ele está próximo a mim quando clamo a Ele. A Tua palavra é a verdade desde o princípio - para quem lê desde o princípio (da Torá); em todas as gerações, os que te procuram, metaforizam-Te. [...] A Ti, Eterno, pertence a grandeza, o poder, a glória, a eternidade e a magestade, e tudo que existe nos céus e na terra; a Ti pertencem à realeza e Tu és exaltado acima de tudo” (Sidur, 1997, p. 387-389).

Na verdade, quando abordamos o texto bíblico, precisamos ter em mente a sua composição por meio da relação com outros textos, textos esses fundamentados no pensamento daquela sociedade que o escreveu e do período em que foi escrito. Desse modo, podemos ver como a majestade de D'us, exposto da narrativa de Gênesis também está presente em ambos os fragmentos, tanto no salmo 93, como em “Canto de glória” trazendo a Isotopia de um ser inefável, insubstituível, em que tudo foi criado por meio dEle e Ele estaria de forma figurativa presente em tudo na criação, como se em cada

¹⁰ Do original hebraico “שִׁיר הַכְּבֹד”, no transliterado, “Shir hacavod”.

¹¹ O termo Tefilin é derivado da palavra Tefilá (oração). É composto por duas pequenas caixas quadradas de couro de um animal “casher”, do hebraio “separado” ou “apto para”, que podem ser usadas para consumo. O texto se refere ao ato de por o Tefilin, que consta como ordenança em “E as atarás como sinal na tua mão, e serão por filactérios [Tefilin] entre os teus olhos, e as escreverás nos umbrais [Mezuzót] de tua casa e nas tuas portas”(Torá, 2001, p. 524, 525)

Papéis

aspecto da obra, dentro da narrativa, fosse uma figura, um atributo dEle, ainda que seja sem rosto.

Também podemos fazer a relação da palavra “אמונה” “Emunah¹²”, no hebraico, que carrega os semas de “confiança plena”. Ainda assim, com relação a essa palavra, podemos encontrar outros semas do mesmo campo semântico, como “Aman”, carregando o sentido de “firme”, “fixo”. Há também a palavra “Imun”, abarcando as noção semântica de “treinamento”, e também temos a palavra “Emun”, que possui os sentidos apresentados acima em Emunah. Diante disso, a firmeza, a fidelidade, a confiabilidade também são atributos do Eterno, apresentados por meio dessas figuras, desse jogo de palavras ao longo do texto. Esses atributos visualizados não somente no salmo 93, mas também no fragmento da canção “Canto de Glória”, compreendemos como a isotopia.

Segundo Bertrand (2003) a isotopia se apresenta como “um elemento semântico no desenvolvimento sintagmático de um enunciado”, esse elemento semântico realiza a sensação de “continuidade e permanência ao longo da cadeia do discurso”. Ainda em detrimento desses fatores, Bertrand (2003) esclarece o foco da isotopia, comparando-a com outros níveis ou modelos de análise. Enquanto que, para a isotopia, o seu foco é o discurso, já o “campo lexical (conjunto de lexemas ligados a um mesmo universo de experiência)” e “o campo semântico (conjunto de lexemas dotados de uma organização estrutural comum)” possuem os seus focos na palavra. Também podemos enxergar em toda a narrativa de Gênesis, no recorte da pesquisa, a Isotopia da Criação, assim como também as figuras de toda a natureza criada. Seguimos na narrativa de Gênesis:

וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי אוֹר וֵיהִי - אֹור:

וַיָּקֹרֶא אֱלֹהִים לֹאֹר יוֹם וְלֹחֶשׁ קָרָא לְלִילָה וֵיהִי - עָרֵב וֵיהִי - בָּקֶר יוֹם אֶחָד:

Vaiomer Elohim yehi or vayehi or. Vayare Elokim et ha'or ki tov Vayavdel Elohim bein ha'or ubein hachoshech. Vayikrah Elohim la'or, yom, velachoshech, layla, vayehi erev vayehi boker yom echad.

¹² Priorizou-se a grafia “Emunah” (por evidenciar na grafia a presença da letra Hê, hebraica), e as demais seguintes: “aman, emun, imun, amen”.

Papéis

E disse Deus: “Seja luz!” e foi luz. E viu Deus que a luz (era) boa; e separou Deus entre a luz e a escuridão. E chamou Deus à luz, dia, e à escuridão chamou noite; e foi tarde e manhã, dia um (Torá, 2001, p. 1).

Também identificamos no fragmento acima, em sua versão em língua portuguesa que o tradutor se preocupa em recuperar tanto o conceito (as figuras de sentido presentes no texto) como o aspecto sonoro existente no hebraico por meio da repetição “E disse D’us, e viu D’us, e chamou, e foi tarde e manhã”, repetição característica do texto hebraico, que se destacam dentro do ritmo do texto. Podemos perceber a Isotopia da criação se estendendo em todo o texto por meio de cada verbo presente na narrativa. Isotopia essa, criada pela palavra geradora “E disse D’us”. Ainda se tratando da questão acerca do nome do livro de Gênesis em hebraico, temos a explanação do “*Livro da Iluminação*”, o “*Sefer Habahir*”:

Por que a Torá começa com a letra Bet (ב)? Para começar com uma benção (ברך, Berachá) Como sabemos que a Torá é chamada de benção? Pois está escrito (Deuteronômio 33:23), “estar-se cheio é benção de D’us, tomando o Mar e o Sul”. O Mar não é algo se não a Torá, como está escrito (Jó 11:9): “é mais largo que o mar”. Qual o significado da frase “estar-se cheio é benção de D’us”? Significa que onde quer que achemos a letra Bet (ב) será uma indicação de benção. Está escrito (Gênesis 1:1), “Num princípio (BeReshit)...” e BereShit é Bet-Reshit. Essa palavra (Reshit) significa Sabedoria, pois está escrito (Salmo 111:10), “O Princípio é sabedoria, o temor de D’us”. Sabedoria é uma benção. Como está escrito: “E D’us abençoou Salomão”. E depois lê-se (I Reis 5:26) “E D’us deu Sabedoria para Salomão” (Kaplan, 1977, p.13).

Quando tratamos da língua hebraica em sua esfera mágica, religiosa, podemos mergulhar em um universo de significação. Não somente as palavras em si são ricas em sentidos, mas também as letras, dentro da esfera religiosa, possuem riquezas de significação. O universo de significação judaico tece uma trama de relações intertextuais que enriquece a estrutura significativa como um todo, assim como constatamos na citação acima. No “*Livro da Iluminação*” comprovamos como essa trama de relações acontece. O autor relaciona a primeira letra “Bet”, em hebraico, ב, com a primeira letra da palavra “Bênção” em hebraico “Brachah”. Diante disso, visualizemos como a letra em si traz essa

Papéis

imagem figurativa de benção, que é inserida no princípio da criação. Essas noções figurativas são construídas inclusive, por meio das relações com outros textos bíblicos, como o de Jó 11:9. Podemos, inclusive, correlacionar a narrativa de Gênesis, com as canções do livro de Salmos (estamos falando de dois livros escritos em épocas diferentes, inclusive, com uma certa distância significativa, mas que por meio da tradição e da religião, seus textos dialogam).

O Salmista reflete acerca da criação, essa reflexão ao longo do texto compõe as figuras correspondentes, inclusive ao seu olhar com relação ao Criador da humanidade. Desse modo, enxerguemos as figuras construídas no percurso do texto, apresentando D'us como o ser supremo, o Rei de toda a criação. Nesse momento, contemplamos a isotopia da Realeza, manifestada pelas figuras de “reino”, “grandeza”, “poder de firmar o mundo” e, principalmente, “eternidade”. Essa isotopia, enriquecida de figuras, contempla o “Ser criador” e sua manifestação no mundo. Olhando mais afundo, com relação ao sentido das palavras, podemos destacar no texto a palavra “firmamento” no hebraico “*רָקִיעַ*”, “Raqia”, contemplando em seus semas: “duro” uma “extensão dura”, assim como no livro de Jó 37:18: “Porventura podes, como Deus, estender o firmamento, que é sólido como um enorme espelho de bronze?” (King James atualizada, 2012).

Em outras palavras, “firmamento” pode corresponder a uma chapa de metal aplinada por um martelo. No entanto, os elementos figurativos que podem ser gerados por meio das construções de sentido, não se esgotam apenas em um “domo” físico. Quando olhamos para o nível figurativo, percebemos a palavra “*רָקִיעַ*”, “raqia” apresentando o mundo como algo que não é perene, não se dissolve, algo firme e estático, no sentido de que não se destrói. O sentido se constrói apresentando a criação do Eterno como algo “firme”, “consistente”, “perdurável”, “permanente”. Assim como no versículo “até firmado o mundo de modo que ele não oscilasse”. Essas características, ou seja, imagens figurativas vão traçar um paralelo direto com a palavra “Emuná”, “אמונה” no hebraico. Vejamos o fragmento do mesmo texto anterior (Salmo 93), em língua hebraica:

Papéis

יהוה מלך גאות לברש יהוה עד המתזר אפ- תפון תבל בל- תמוט:

וכן כושאך מאד מעולם אתה:

עדתיך נאמנו מאד לבייתך נאווה- קדש יהוה לאורה ימיים:

Adonai malach, gueút lavesh, lavesh **Adonai**, oz hit'azar, af ticon tevel bal timot. Nachon kis'acha meaz, leolam áta.

Edotecha **neemnu** meod, levetecha naava códesh, Adonai leorech iamim.¹³ (Ishai, 2017, p. 274-275).

Pensando no fragmento acima em língua hebraica, podemos perceber, em negrito a palavra Emunah, no hebraico “אמונה”, que muitas vezes pode ser traduzida como “Fé”, mas o seu sentido carrega conceitos muito mais profundos, encontrados em diversas passagens bíblicas. Apresentando outras palavras que possuem o mesmo radical hebraico “Aman”, possuindo o sentido de “fixo”, “firme”; encontramos também a palavra “Emun”, apresentando os semas de “confiança plena” e “fidelidade”. Diante de tudo, também temos a palavra, que podemos defini-la basicamente como “confirmação” (Hatzamri; More-Hatzamri, 2004, p. 10).

Diante disso, pudemos compreender que o salmista, como é possível ver no texto, reflete de que toda a obra divina é perfeita, não oscila. Ele compara as obras do Criador à Torah “seus testemunhos são confiáveis” fazendo uma alusão às “mitsvot”, ou “mitzvá”, no singular em hebraico “מצוה”. Para a perspectiva judaica, a palavra mitsvá é rica em significação. Digamos que ela, a grosso modo, possui o caráter de “comando”. Muitas vezes essa palavra é colocada na posição de “mandamento” ou também à “boa ação ao próximo e a si mesmo”. Assim como declara o rabino Tzvi Freeman¹⁴, ela aparece em torno de 300 vezes no pentateuco, na Torá. Ele também declara

¹³ Sempre que os versículos pertencerem ao livro de Salmos, o transliterado adotado será do livro “O Livro dos Salmos com tradução linear”, de David Ben Ishai, traduzido por Adolpho Wasserman e Chaim Szwertsarf. Essa tradução foi escolhida no trabalho especialmente por possuir os textos em hebraico, em transliterado e com uma tradução interlinear, para que a pessoa que o adquirir também possa acompanhar os textos do artigo simultaneamente com o livro.

¹⁴ Consultar em: FREEMAN, Tzvi. O que é uma mitsvá. Chabad. Disponível em: https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1732476/jewish/O-Que-Uma-Mitsv.htm. Acesso em: 28 fev. 2024.

Papéis

que o Talmud¹⁵ menciona 613 “mitsvot”, ou seja, “mandamentos”, do Sinai. O rabino também afirma que com frequência a palavra “mitsvá” é relacionada à palavra aramaica “tzavta”, isso significa “anexar” ou “juntar”: “Tzavta pode significar companheirismo ou apego pessoal. Neste sentido, uma mitsvá une a pessoa que é comandada e o Comandante, criando um relacionamento e um vínculo essencial”.

Desse modo, podemos compreender mais a fundo que, no pensamento judaico, a verdadeira Emuná (fé) é obtida por meio da prática das mitsvot (das obras), estas perfeitas, porque provém daquela que é perfeito. É por meio dela que o mundo foi estabelecido. Vemos tais reflexões nos versículos abaixo, no livro de Gênesis 1:5 e Salmos 19:1-8, respectivamente:

וְיָקֹרֶא אֱלֹהִים לְאוֹר יוֹם וַיַּחֲשֹׁךְ קָרָא לֵילָה וַיְהִי שָׁעַר יוֹם אַפְּדָד:

Vayqrá Elokim laor velachoshech qara layla, vayehi-erev vaiehi boquer yom echad.

E chamou Deus à luz, dia, e à escuridão chamou noite; e foi tarde e manhã, dia um. (Torá, 2001, p. 1)

בְּשָׁמָיִם מִסְפָּרִים כְּבוֹד - אֶל וְמַעֲשָׂה יְדָיו מָגִיד פָּרָקִיעַ:

יּוֹם לְיּוֹם יָבִיעַ אָמֵר וְלֵילָה לְלֵילָה יְמִין - דָּעַת:

תּוֹרַת יְהוָה תָּמִימָה מִשְׁבַּת נֶפֶשׁ עֲדֹת יְהוָה פָּאָמָה מִחְכִּימָת פָּתִי:

“Os céus declaram a glória de Deus e o **firmamento** diz da obra de Sua mão. Dia após dia trazem expressões de louvor e noite após noite declara sabedoria [...] A **Torá** do Senhor é perfeita; ela restaura a **alma**. O **testemunho** do Senhor é **confiável**” (Wasserman; Szwertsarf, 2020, p. 23-24)

Davi compara a luz da Torá à criação do mundo. Essas imagens figurativas vão se entrelaçando por meio da isotopia da perfeição. Davi compara a perfeição da criação à perfeição dos testemunhos e estatutos do Eterno, como poderemos ver nos versículos posteriores: “Os comandos do Senhor são íntegros, alegrando o coração. O mandamento do Senhor é claro,

¹⁵ O Talmud é um conjunto de escritos em que contém o conjunto de leis e tradições judaicas reunidas e editadas entre o terceiro e sexto séculos. Consultar em: SHURPIN, Yehuda. O que é o Talmud? Chabad. Disponível em: https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/4953159/jewish/O-Que-o-Talmud.htm. Acesso em: 28 fev. 2024.

Papéis

iluminando os olhos. O temor do Senhor é puro, durando para sempre” (...). Nessa passagem, a palavra empregada para firmamento é “Rakia” a mesma palavra presente em gênesis, utilizada no texto não por casualidade, em que as figuras de “firmeza”, “de eternidade” estão presentes, assim como podemos ver a palavra acima citada em negrito. Diante disso, vejamos outro fragmento do livro de salmos e entendamos como ele se conecta com o próximo versículo da narrativa de gênesis:

שְׁבִיבָּתֵיךְ אֱלֹהִי צְבָאות מֶלֶךְ תְּפִילַת יְהוָה
 אתה מֹשֵׁל בְּגָאות הַיּוֹם בְּשֹׁא גָּלוּי אַתָּה תְּשַׁבַּח
 תָּכַל וּמְלָא אַתָּה יִסְדַּקְתָּ אָף לְגַתְּרַת לְגַתְּרַת

Adonai Elohe Tsevaot mi chamôcha chassin Ya, veemunatecha seivotêcha.
 Ata moshel begueut haiam, besso galav ata teshabechem.

Lecha shamayim af lecha árets, tevel umloa **ata eassadtam** (Ishai, 2017, p. 259-260).

“Senhor, D’us das Legiões - quem é como Tu, ó Forte, ó D’us? E **Tua fidelidade é Teu ambiente**. Tu reges a ascensão do mar; quando ele ergue suas ondas , Tu as acalmas [...] **Teus** são os **céus**, **Tua** é também a **terra**; o mundo e sua abundância - **Tu os fundaste**” (Wasserman; Szwertszarf, 2020, p.132-133).

יְאִמָּר אֱלֹהִים יְהִי רָקִיעַ בְּתוֹךְ הַמִּים יְהִי מַבְדֵּל בּוֹנִי מִים לְמִים

Vaiomer Elokim: Yehi **Rakia** betoch hamayim viehie mavedil beyin **mayim lamayim**

E disse Deus: “Haja **expansão** no meio das águas e que separe entre **águas e águas!**” (Torá, 2001, p. 1).

Diante dos fragmentos acima, somos capazes de ver mais uma vez a figura da realeza composta pelas figuras da criação em gênesis e pelas figuras do olhar do salmista. Nessas camadas figurativas, vemos “os céus”, “o mar” e todo o fundamento sendo criado pelo Senhor, vemos também as figuras já citadas que contemplam O Criador “fidelidade é o Teu ambiente”, no qual a palavra “fidelidade” em língua hebraica, é a mesma palavra compreendida em nossas discussões anteriores “Emunah”. Também refletimos, dentre as

Papéis

palavras destacadas, a expressão “בֵּיתוֹתִיךְ”, traduzida nessa versão como “Teu ambiente”. Ela possui relação direta com a palavra casa “בָּהֶת”, carregando as noções figurativas de lar. Diante disso, podemos perceber como a “Emunah” possui, para o texto hebraico, relação direta ao Criador, se tornando, inclusive, uma grande Isotopia presente em todo o texto. Assim como poderemos ver mais ainda a frente:

לְדוֹד אֱלֹיכְךָ יְהוָה נֶפֶשִׁי אֲשֶׁר אַלְפִּי בְּךָ בְּטֻחֹתִי אֶל[...]. דְּרָכֵיךְ יְהוָה הָזְדִּיעַנִּי אֶרְחֹתְּךָ לְמִדְבָּר פְּדָרִיכְךָ בְּאַמְתָּה
וְלְמִדְבָּר פִּי- אַתָּה אֱלֹהִי יְשֻׁעִי אֶזְתָּךְ קְבוּמִי כָּל- הַיּוֹם זָכָר- רְחַמִּיךְ יְהוָה וְסִדְקִיךְ כִּי מְעוֹלָם הַמֹּה

LeDavid, elêcha Adonai nafshi essá. Elohai, becha vatachti [...] Derachêcha Adonai hodiêni, orechotêcha lamedêni. Hadrichêni vaamitêcha, velamedêni ki ata Elohé yish'i, otecha kiviti col haiom. Zechor rachamêcha Adonai vachassadêcha, ki meolam hêma (Ishai, 2027, p. 63-64).

“De David. Para Ti, Senhor, eu ergo minha alma. Meu D’us, em Ti eu confio [...] Teus caminhos, Senhor, faze conhecidos para mim; ensina-me Teus atalhos. Conduze-me em Tua verdade e me acostuma (a Teu ensino), pois Tu és meu D’us, meu salvador; por Ti tenho esperado todos os dias. Lembra Tuas misericórdias, Senhor, e Tuas benevolências, pois elas estão desde o princípio do mundo” (Wasserman; Szwertsarf, 2020, p. 31).

Como já apresentado nas figuras do fragmento do Salmo 19: 2-8, podemos ver agora, no fragmento do Salmo 25:1-2 e 4-6 as figuras de “segurança”, de “completude”, de “fidelidade”, “salvador”, figuras das quais, segundo o salmista, somente é possível encontrá-la em sua totalidade no Criador (principalmente quando ele afirma “Teus caminhos, faze conhecidos para mim, ensina-me os Teus atalhos”). Vemos, inclusive essas figuras em “Conduze-me em Tua verdade e me acostuma (ao Teu ensino)”. Identificamos novamente como Davi apresenta os mandamentos nas figuras de “caminhos” e “atalhos” que o guia a uma boa vereda. De modo a agregar ao sentido de toda a trama do texto abordada acima, podemos apresentar o Salmo 89: 13-16:

צְפֹן וְיָמִין אַתָּה בְּרוּתָם תְּבֹרֵךְ וְחַרְמוֹן בְּשִׁמְךָ יְרֵנֶנוּ [...] צְדָקָה וְמַשְׁפָט מִכְּן כֹּאֲךְ חֶסֶד וְאַמְתָּה יְקָדָמוּ פָּנֶיךְ
אֲשֶׁרִי הָעַם יְזָעִי תְּרוּשָׂה יְהוָה בָּאָרֶץ פָּנִים יְהָלָכָה

Tsafon veiamin ata veratam, Tavor vechermon beshimvhá ieranênu. [...] **Tsédec umishpat** nechon kis'êcha, chéssed vemet iecademu fanêcha. Ashrê haam iodê **terua**, Adonai beor panêcha iehalêchun (Ishai, 2017, p. 260).

Papéis

“O norte e o sul - Tu os criaste; Tabor e Hermon cantam jubilosamente em Teu Nome [...] **Retidão e justiça** são os fundamentos do Teu trono; benevolência e verdade precedem Teu semblante. Louvores ao povo que conhece a **teruá**; Senhor, à luz do Teu semblante eles caminham” (Wasserman; Szwertsarf, 2020, p. 133).

O texto acima, destacado pelas palavras em negrito, apresenta as figuras da “retidão” e da “justiça” e da “benevolência” e “verdade” como base fundamental dos atributos de D’us “são base do seu Teu trono”. Temos, inclusive, a figura do trono de D’us, simbolizando o Seu ambiente, sua base fundamental e a completa ligação com os mandamentos do Eterno, como já apresentado em outros fragmentos. Também, algo chama a atenção quando lemos o texto. O salmista declara “Louvores ao povo que conhece a teruá; Senhor, à luz do Teu semblante eles caminham”. O que podemos compreender com isso, é que temos figuras constituintes “do semblante de D’us”. De forma metafórica, a “teruá” se apresenta como um código de verdadeira intimidade entre o povo e D’us.

Compreendendo o conceito judaico, observamos que essa palavra representa “Yom teruá”, em hebraico “יֹם תְּרוּעָה מִזְבֵּחַ”, em português, conhecido como “Dia do brado” em sua origem no texto de Levítico¹⁶ 23:24. Esse dia é carregado de simbolismos, com um dia de grande mandamento ordenado pela Torá, há como uma das principais ordenanças o toque do “shofar”, em hebraico “שׁוֹפָר”. O shofar é um instrumento, de origem muito antiga, construído com chifre de carneiro. Há muitas passagens bíblicas com a presença desse instrumento, inclusive a de Josué 6:4-7. Outra passagem, inclusive do livro de Salmos, é o salmo 95:1 "Venham! Cantemos ao Senhor, toquemos o shofar à Rocha da nossa salvação" (Wasserman; Szwertsarf, 2020, p. 142). O shofar é rico em imagens figurativas, tanto no texto bíblico, como também na composição dos seus toques. Há três tipos de toques característicos, e esses toques, a grosso modo, remetem ao arrependimento e ao retorno da fé, e ao “Olam Rabá”.

¹⁶ Este mesmo livro, na língua hebraica é “בְּרֵאשֶׁת”. Em transliterado, Vaicrá”, que significa “E Ele chamou” fazendo alusão à primeira frase do livro “E chamou a Moisés, e falou-lhe o Eterno [...]” (Torá, 2001, p. 288).

Papéis

A coroa da criação

Diante das isotopias já citadas, principalmente a de “perfeição” e “realeza”, chegamos ao ápice da narrativa, ao momento em que D’us cessa completamente a sua obra e, inclusive, todo o seu exército, segundo Maimônides, um grande rabino, que viveu no período da Idade Média, explica que o cessar da obra de D’us no shabat “inclui a terra com seus reinos vegetais e animal, os corpos celestes, os luminares, as estrelas e também os seres espirituais, inclusive a alma de todos os seres humanos” (Torá, 2001, p. 3). Ou seja, é dizer que, já nesse primeiro versículo do segundo capítulo de Gênesis, vemos a Isotopia da completude, da totalidade, apresentada por meio das figuras de “repouso”, do cessamento da obra da criação. Em hebraico, temos a palavra “שַׁבָּתְ”, “shabat”, possuindo relação com o verbo “shavat” significando “Ele cessou”. Nesse viés, a própria palavra Shabat já é por si só uma figura, pois representa a realidade languageira. Para a perspectiva judaica, o Shabat muitas vezes é apresentado como “A Rainha”, “A coroa da criação”, “A noiva” ou abertamente como um dia de repouso.

הַשְׁבִּיעִי וַיְכֹל הַשְׁמִים וְהָאָרֶץ וְכָל־צָבָא וַיְכֹל אֱלֹהִים בַּיּוֹם

מַלְאָכָתוֹ אֲשֶׁר עָשָׂה וַיְשִׁבֵּת

בַּיּוֹם הַשְׁבִּיעִי מִכָּל־מַלְאָכָתוֹ אֲשֶׁר עָשָׂה

Vayeculu hashamayim vehaarets vechol tsevaam. Vayekhol Elokim **bayom hashevií** melachto asher asah **vayshevot** bayom hashevií mikol- melakhto asher asah:

E acabaram-se (de criar-se) os céus e a terra, e todo o seu exército. E terminou Deus, no dia sétimo, a obra que fez, e cessou no dia sétimo toda a obra que fez. (Torá, 2001, p. 4)

וַיְכֹרֶךְ אֱלֹהִים אֶת-יּוֹם הַשְׁבִּיעִי וַיְקַדֵּשׁ אֶתְנוֹ כִּי בְּיוֹם שְׁבִתָּה

מִכָּל־מַלְאָכָתוֹ אֲשֶׁר-בָּרָא אֱלֹהִים לְעַשֹּׂות

Vayevarech Elokim et-Yom hashevií **vayekodesh** oto ky vo **Shavat** mikol- melachto asher-bará Elokim laasot.

E **abençou** Deus, no dia sétimo, e **santificou-o** a obra que fez, e **cessou** no dia sétimo toda a obra que fez. E abençou Deus o dia sétimo, e

Papéis

santificou-o, porque nele cessou toda a sua obra, que criou Deus para fazer. (Torá, 2001, p. 4) Diante desses fatores, pudemos compreender, por meio das palavras destacadas, a Isotopia “Benção”, ou “Brachá”, no hebraico “ברכה”. Nela é possível enxergar as figuras que compõem toda a narrativa “E abençoou Deus, no dia sétimo, e santificou-o a obra que fez, e cessou no dia sétimo toda a obra que fez”. As figuras de tempo e de espaço vão transportando o leitor para um estado de fechamento, onde toda a obra é cessada e onde temos a celebração dessa obra, ou o estado de perfeição: “e santificou-o, porque nele cessou toda a sua obra, que criou Deus para fazer”. Diante do que já se foi abordado anteriormente, do ponto de vista judaico, acerca da letra Beit, inicial do livro de gênesis, “bereshit”, podemos ver a figura da totalidade. Se olharmos para a canção judaica presente no Sidur, o livro litúrgico, chamada “Menuchá veshimchá¹⁷”, em português, “Repouso e alegria”, apresenta o shabat como: [...] para as almas feridas, um espírito adicional, das almas sofridas tirará a aflição –o repouso do shabat” (Fridlin, 1997, p. 280), é possível observar as pertinências semânticas que permeiam a língua e a cultura na construção do sentido. Também pudemos compreender como a Isotopia do “shabat”, descanso, se instaura na narrativa por meio dos semas de gozo, realização, bênção, fechamento, e principalmente, regozijo, assim como o profeta Isaías, no hebraico, “ישעיהו”¹⁸ declara o shabat como “deleitoso”. Neste momento, não menos importante, vejamos no texto bíblico um fragmento que relata a formação do homem e da mulher e suas figuras, ricas em significação. Vejamos os fragmentos seguintes de Gênesis 2:7:

וַיֹּאמֶר יְהוָה אֱלֹהִים אֵת הָאָדָם עַפְرָם מִן־הָאָדָם וַיַּפְצַח בְּאָפִיו נִשְׁמַת חַיִם וַיָּהִי הָאָדָם לְנֶפֶשׁ חַיָּה [...] וַיֹּאמֶר
יְהוָה אֱלֹהִים אֵת הַצְלָע אֲשֶׁר־לְקַח מִן־הָאָדָם לְאָשָׁה וְבָאָבָל־הָאָדָם וַיֹּאמֶר הָאָדָם זֹאת הַפָּעָם עָצָם
מְעֻצָּם וְבָשָׂר מְבָשָׂר לְזֹאת יָקֹרָא אָשָׁה כִּי מְאֹישׁ לְקַחְתָּה זֹאת

¹⁷ A seguinte canção, em hebraico: מתוחה ושמחה, pertence ao cânone ceremonial do “Cabalat Shabat”, ou seja, a cerimônia de “recebimento do shabat”. De acordo com Keila Cunha, mestre em música, com a área de concentração em etnomusicologia: “O Cabalat Shabat é um dos três rituais que compõem o shabat, cerimônia dedicada a “saudar o dia do descanso” no sétimo dia da semana que se inicia no pôr do sol das sextas-feiras” (Cunha, 2011, p. 14).

¹⁸ No transliterado, podemos apresentar o seu nome como Yeshayahu.

Papéis

Vayytser Adonai Elokim et-ha**Adam**¹⁹ afar min-ha**Adamah** vaypach beapay nishmat chayym vayehy haAdam lenefesh cayah. [...] Vayven Adonai Elohim et-hatsela asher-lagach min-ha**Adam** **lelshah** vayevieha el-ha**Adam**. Vaiomer ha**Adam** zot hapaam etsem meatsamay uvasar mibesary lezot yqare **Ishah** ky meysh lugochah-zot.

E formou o Eterno Deus ao **homem**[Adám], pó da terra, e soprou em suas narinas o alento da vida; e foi o **homem** alma viva. [...] E fez o Eterno Deus (da) costela que tinha tomado o **homem**, uma **mulher**, e a trouxe ao **homem**. E disse o homem: Esta vez é osso dos meus ossos e carne da minha carne: a esta será chamada **mulher**, porque do **homem** foi tomada esta (Torá, 2001, p. 6-7).

Como se é possível perceber ao olhar para o texto hebraico, a palavra utilizada para homem e terra é a mesma. Palavra pela qual, inclusive a conhecemos, na língua portuguesa, como o nome do personagem da trama, Adão. A palavra “vermelho”, em hebraico, também tem relação com as mesmas palavras citadas, assim como é possível ver no dicionário (Hatzamri; More-Hatzamri, 2004, p. 3). Dessa maneira, identificamos as figuras da terra e da formação do homem se construindo ao longo da narrativa. No entanto, devemos nos atentar para a troca desse nome, no texto hebraico, quando D’us forma a mulher. Nesse momento, a palavra utilizada para chamar homem se torna “Ish”, em hebraico “אִישׁ”, e para a mulher, “Ishah”, no hebraico “אִשָּׁה”. Diante dessa troca, observamos como uma nova construção figurativa é formada, construindo uma relação com a palavra “fogo” em hebraico “אֵשׁ” (Hatzamri; More-Hatzamri, 2004, p. 15), possuindo a mesma raíz e terminologia, constituído pela letra alef “א” e shin “שׁ”. Vejamos abaixo as palavras acima dispostas no dicionário:

Olhando do ponto de vista da cultura judaica, as imagens figurativas constroem de uma forma muito mais profunda. Pois há nos nomes, do homem e da mulher, o acréscimo de duas letras presentes no nome de D'us. No homem, "O Altíssimo colocou nele o Seu nome *Iá* (a letra *Iod* ' em *Ish*, שִׁיחָה, e a letra *Hê* ה em *Ishá*, נִשָּׁה), dizendo: 'Se eles andarem nos Meus caminhos e

¹⁹ Devido ao fato de que, em hebraico, a palavra utilizada no texto para expressar “homem” e “terra” seja a mesma, optou-se ao uso da palavra “homem” em transliterado na escrita em maiúsculo.

Papéis

observarem os Meus mandamentos, Meu Nome estará com eles" (Torá, 2001, p. 7). No entanto, existe ainda outra figura que compõe a trama hebraica, caso não haja no homem o temor "Caso contrário, Eu lhes retirarei Meu Nome e serão um para o outro *Êsh עֵשׂ*, um fogo devorador" (Torá, 2001, p. 7).

Considerações finais

Diante do que já foi exposto, pudemos compreender, antes de tudo, que a língua irá construir a fala por meio da realidade languageira. Pudemos construir, diante de tudo, pensamentos introdutórios acerca da narrativa de Gênesis à luz da semiótica. Ao longo do texto, foi possível construir uma análise das Isotopias presentes, não somente na Criação, como também as Isotopias que constroem as características e atributos de D'us, dentro do texto hebraico. Compreendemos, ao longo do texto, as isotopias de "Criação do Mundo" e de "Poder e Fidelidade" atribuídos ao Criador. Verificamos, por meio das reflexões do salmista, o semblante do Criador e de como Ele se manifesta em suas obras. Pudemos perceber como, aos olhos do texto hebraico, a Torá (lei) se faz presente desde a criação do mundo, trazendo paz e descanso como em, por exemplo no período do Shabat "E abençoou Deus o dia sétimo, e santificou-o, porque nele cessou toda a sua obra, que criou Deus para fazer." (Torá, 2001, p. 4).

Ao longo de todo o processo, pudemos compreender que as palavras não são escolhidas ao longo do texto bíblico por mera casualidade, ainda que por um viés religioso, consagrado pela cultura dos falantes da língua hebraica, pudemos perceber desde a primeira palavra do texto de Gênesis, que, inclusive, dá nome ao livro no hebraico. Também compreendemos o emprego do verbo "אִירַבְנָה", no português, criar, apresentando a D'us na narrativa como "plural majestático concebido pelo homem devido às múltiplas e ilimitadas manifestações de Elohim" (Torá, 2001, p.1). Também pudemos compreender a construção do mesmo sentido na canção "Canto de glória": "Simbolizaram-Te através de inúmeras visões; assim mesmo, Tu és Um em todas as figurações. [...]" (Sidur, 1997, p. 387).

Papéis

Pudemos também abordar o conceito de “mitsvá”, “מִצְוָה” no hebraico, como parte integrante das figuras dentro dos textos bíblicos utilizados para a análise, pudemos, inclusive, por meio das figuras presentes, compreendê-lo como um elo entre o ser humano e D’us. Também pudemos contemplar a isotopia da “Perfeição” presente nos textos, principalmente no ápice da criação, em Gênesis. Ainda assim, diante de tudo, o trabalho realizou um breve recorte de todo esse universo enunciativo se tornando reflexões introdutórias acerca das isotopias presentes ao longo dos textos abordados e de suas figuras. Há um universo de significação para se explorar, podendo se olhar a fundo, inclusive, em todos os versículos existentes em Gênesis um e dois. Também se faz necessário, para as futuras pesquisas, um foco especial em cada um dos textos do Livro de Salmos utilizados no corpus de pesquisa. Inclusive, não somente esses, mas todos os que, possivelmente, dialoguem com os temas trabalhados na pesquisa. Ao longo de todas as etapas, este trabalho visou se tornar uma contribuição para a teoria semiótica dos textos bíblicos, abrindo futuros temas e abordagens, utilizando o texto hebraico como um universo de significado norteador para a riqueza de sentido construído nos mesmos textos.

Referências

- BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: BIDERMAN, M. T. C.; OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- FREEMAN, Tzvi. O que é Bitachon? Verdadeira Confiança. **PT.Chabad.Org**, Valores judaicos - Blocos de Construção. Disponível em:
https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/2987002/jewish/O-Que-Bitachon.htm. Acesso em: 01 jun. 2023.

Papéis

FREEMAN, Tzvi. O que é uma mitsvá. **Chabad**. Disponível em:

https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1732476/jewish/O-Que-Uma-Mitsv.htm. Acesso em: 28 fev. 2024.

FRIDLIN, Jairo. **Sidur completo**. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer LTDA, 1997.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2011.

HATZAMRI, Abraham; MORE-HATZAMRI, Shohana. **Dicionário português-hebraico hebraico-português**. 3. ed. São Paulo: SÊFER, 2004.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

ISHAI, David ben. **O livro dos salmos com transliteração linear**. Traduzido por Adolfo Wasserman, Chaim Szwertsarf. São Paulo: Maayanot, 2017.

JÓ 37 Bíblia King James Atualizada. Bíblia português. 2012. Disponível em: <https://bibliaportugues.com/kja/job/37.htm>. Acesso em: 27 dez. 2023.

RÓNAI, Paulo. **Escola de tradutores**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

SHURPIN, Yehuda. O que é o Talmud? **Chabad**. Disponível em: https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/4953159/jewish/O-Que-o-Talmud.htm. Acesso em: 28 fev. 2024.

TEHILIM Keter David. Traduzida em português por Adolpho Wasserman, Chaim Szwertsarf. São Paulo: Maayanot, 2020.

TORÁ. Gênesis. Português. A Lei de Moisés. Tradução de Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Sêfer, 2001. p. 1-7.

Recebido em: 10-02-2024

Aprovado em: 30-03-2024